

Cargos de direção estão vagos

A retomada do crescimento econômico será impossível de ser feita no primeiro semestre de 1993, se o Governo Federal não encontrar logo o seu norte administrativo, não se organizar de forma harmoniosa e coerente do ponto de vista da eficiência da máquina. Até aqui, do ponto de vista administrativo, o governo Itamar Franco tem sido uma enorme confusão. Com isso, a máquina repleta de buracos negros, o governo deixa de executar políticas que vão sinalizar às empresas a retomada do crescimento. Ninguém investe e ficam todos à espera do que vai acontecer, na realidade esperando o governo começar a governar, em caráter definitivo.

Atualmente, as dificuldades para preenchimentos de vagas são enormes, e vão desde questões salariais até a centralização administrativa: nenhum ministro tem autonomia para contratar um auxiliar DAS-4 para cima, sem antes submeter o nome e pedir o sinal verde do ministro-chefe do Gabinete Civil, Henrique Hargreaves.

Esta mesma regra é válida para

as diretorias de bancos oficiais e as direções das empresas estatais. Até hoje encontram-se vagas ou ocupadas interinamente as direções de empresas e organismos como a Telebrás, ECT (Empresas de Correios e Telégrafos), DNER (Departamento Nacional de Estradas e Rodagem), CPRM, Inmetro, Inpi, e tantos outros.

O retrato desses dois primeiros meses do governo Itamar Franco é um dos maiores argumentos contra o presidencialismo. Se a toda mudança de governo e a todo transtorno político vivido pelo País a administração pública ficar paralisada desse jeito, o Brasil jamais poderá sonhar em deixar o estágio de subdesenvolvimento.

Esse caos administrativo que acompanha no Brasil às mudanças de governo não é muito bem digerido pelos analistas técnicos das instituições multilaterais que prestam ajuda ao País. Esses técnicos vêm nisso um caráter de extrema irracionalidade da vida brasileira, que resulta em perda de eficiência e em um prejuízo incalculável para toda a sociedade. (H.R.)